

Uma Introdução à Escatologia Hibernica – Algumas considerações a partir dos textos da Tradição Hiberno-latina

Dominique Santos¹

DOI: 10.4025/rbhranpuh.v8i24.29701

Resumo: A partir da análise de alguns textos da assim chamada Tradição Hiberno-Latina, o objetivo deste artigo é mostrar que a visão escatológica destas narrativas passa por um processo de transformação do século V ao XII. Se durante no início do período que a historiografia irlandesa denomina como *Early Christian Ireland* só havia dois espaços na geografia do além cristão, céu e inferno, posteriormente, devido a influência dos *Imramma* célticos, esta estrutura é ampliada, com o aparecimento do *Purgatorium*.

Palavras-chave: *Early Christian Ireland*; Tradição Hiberno-Latina; Escatologia Hibernica.

An Introduction to Hibernian Eschatology – Short notes from Hiberno-Latin Tradition Texts

Abstract: By analyzing some texts of the so-called Hiberno-Latin tradition, this Article's aim is to point out that the eschatological view of these narratives changes from the fifth to twelfth centuries. At the beginning of the period Irish historiography has called Early Christian Ireland there were only two spaces in the geography of Christian After-Life, Heaven and Hell, later, however, due to the influence of the Celtic *Imramma*, this structure is expanded with the appearance *Purgatorium*.

Keywords: Early Christian Ireland; Hiberno-Latin Tradition; Hibernian Eschatology.

Una introducción a la Escatología Hibernica – Algunas consideraciones desde los textos de la Tradición Hiberno-Latina

Resumen: A partir del análisis de algunos textos de la llamada Tradición Hiberno-Latina, el propósito de este artículo es mostrar que la visión escatológica de estos relatos hay pasado por un proceso de transformación del siglo V a XII. Si durante el inicio del periodo que la historiografía irlandesa hay llamado como *Early Christian Ireland* sólo había

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás com parte da pesquisa realizada no Department of History and Archives da University College Dublin, Irlanda. Professor de História Antiga na FURB - Universidade de Blumenau, onde também coordena o LABEAM - Laboratório Blumenauense de Estudos Antigos e Medievais (www.furb.br/labeam). E-mail: dvcasantos@furb.br

dos espacios en la geografía de lo otro mundo Cristiano, el Cielo y el Infierno, más tarde, debido a la influencia de los *Imramma* celticos, esta estructura se amplía con la aparición del *Purgatorium*.

Palabras clave: *Early Christian Ireland*; Tradición Hiberno-Latina; Escatología Hibernica.

Recebido em 04/11/2015 - Aprovado em 20/12/2015

O termo escatologia, que corresponde mais ou menos à “doutrina das últimas coisas” ou “doutrina das coisas finais”, é um constructo moderno, não existia nem em língua grega nem em língua latina. Não havia uma sistematização desta natureza. Em grego, observa-se o plural τὰ ἔσχατα, significando “as últimas coisas”, ou mesmo o singular ἔσχατον, “o evento final”. O termo aparece nas Histórias de Heródoto como ἐξ ἔσχατων ἐξ ἔσχατα, “de fim para fim” (Hdt.7.100.5/6). Também encontram-se diversos exemplos nos quais esta noção serve para qualificar um substantivo: τάξιν ἑσχάτην, “a última parte do exército” (Id.Aj.4, ou seja: Antigone, Ajax.4); ἔσχατοι ἄλλων, “no fim das linhas” (Il.10.434); δῆμος ἑσχάτος, “democracia extrema” (Arist.Pol.1296a2). Como adjetivo, é utilizado ainda para significar o fim de algo. Sejam os dias, ([ἐν] τῇ ἑσχάτῃ ἡμέρᾳ, João 6.39); a hora (ἑσχάτῃ ὥρᾳ ἐστίν, I João 2.18), o tempo (ἐπ' ἑσχατου τῶν χρόνων, I Pedro 1. 20) etc². Em latim, o termo equivalente que mais aparece é “*novissima*”, como na expressão “*novissima tempora*”. Utilizando-se deste léxico, diversos escritores, tanto em língua grega quanto em língua latina, abordaram várias querelas que, de uma forma ou de outra, tinham algum tipo de relação com o fim dos tempos e os assuntos inerentes a esta temática (LE GOFF, 1990, p. 281-324).

Tratava-se de saber se o mundo teria fim um dia, quando seria este fim, se logo (como os primeiros cristãos acreditavam) ou se ainda demoraria (ocorrendo apenas quando o evangelho fosse pregado em todas as partes do mundo); se antes do fim haveria um período de mil anos que antecederia a segunda vinda de Cristo (Parousia), crença que ficou conhecida como milenarismo; se haveria ou não um anticristo, qual seria o papel desta figura (caso houvesse); de que forma se apresenta a eternidade: se é uma ausência completa de tempo (como o “Eu sou” vetotestamentário), se é como a Cidade de Deus (Agostinho), se é um “tudo ao mesmo tempo” (Lutero) etc; se as almas vão somente para o céu ou para o inferno, se vão para algum lugar no além imediatamente após a morte ou há um tempo de espera etc; como são estes lugares do além, quais são as estruturas, ordenamento e funcionamento do paraíso, do inferno e, em algum momento da história do cristianismo, após o século XII, se adotarmos a teoria de Jacques Le Goff, também do purgatório.

Não é fácil precisar quando surgiu o vocábulo escatologia, esta tarefa é bastante complexa e pode variar dependendo do idioma. Também é importante ressaltar que

² Thesaurus Linguae Graecae® Digital Library. Ed. Maria C. Pantelia. University of California, Irvine. [<http://www.tlg.uci.edu>] (acesso em 03 de novembro de 2015).

debates desta natureza não dizem respeito apenas à Teologia, vários historiadores e filósofos elaboraram sistemas e paradigmas que incorporam aspectos escatológicos em suas reflexões, principalmente aqueles pensadores modernos que elaboraram filosofias da história, casos de Hegel e Marx, por exemplo. Ou seja, o termo escatologia pode ter vários sentidos e na literatura cristã, ou até mesmo fora dela, como acabamos de mencionar, há várias questões que podem ser enquadradas sob o epíteto “escatológico”.

Consideramos “escatológicas”, e por isso “*Escatologia Hibernica*”, todas as situações que, de alguma maneira, são referentes ao fim dos tempos. Para propósitos metodológicos, adotamos a taxonomia estabelecida por John Carey, Emma Nic Cárthaigh e Caitríona ó Dochartaigh, segundo a qual a escatologia pode ser dividida entre individual e universal, sendo a primeira concernente à separação entre corpo e alma e a jornada percorrida por esta após a morte e a segunda relacionada com o fim do mundo e tudo aquilo que precede este evento (CAREY, NIC CÁRTHAIGH e Ó DOCHARTAIGH, 2014). Todos os fragmentos textuais selecionados serão analisados a partir desta ótica.

Por muito tempo, de forma equivocada e talvez pelo ardor nacionalista, se falou da Irlanda como um lugar que se manteve afastado dos contatos com o Império Romano e as influências do idioma latino, devido ao fato da conquista romana nas Ilhas Britânicas terem parado na região que hoje corresponde à divisa da Inglaterra com a Escócia. Hoje, a interpretação predominante na historiografia é de que os contatos entre a *Hibernia* e a *Britannia Romana* eram vastíssimos. O *Irish Sea* funcionava mais ou menos como o Mediterrâneo para gregos, romanos, egípcios etc, integrando várias culturas e proporcionando um intercâmbio material e de idéias (THOMAS, 1973; HARVEY, 1990; ROCHE, 1993 e SANTOS, 2015). A documentação utilizada neste artigo foi produzida neste âmbito ou derivado da tradição que se iniciou neste contexto. Ou seja, estas narrativas foram produzidas na Irlanda, ou então fora dela, porém, dentro de uma tradição que a historiografia específica da área tem chamado de Hiberno-Latina.

Para perceber as referências de caráter escatológico nesta tradição, analisamos alguns fragmentos das duas cartas escritas por São Patrício: a *Confessio*, uma *apologia pro vita sua*, que ele escreveu, em latim, no século V da história irlandesa, para se defender das acusações de ter ido para Irlanda com a finalidade de enriquecer em nome de Deus, ganhando compensações financeiras com seu trabalho de evangelização; a *Epistola ad Milites Corotici*, escrita provavelmente antes da *Confessio*, endereçada aos soldados de Corotici, com a finalidade de exortá-los e admoestá-los por atacarem cristãos discípulos de Patrício; da *Vita Sancti Patricii*, escrita no fim do século VII, na Irlanda, por Muirchú Mocuú machteni, a mais conhecida e mencionada vida de São Patrício; do Livro I da *Vita Columbae*, escrito por Adomnáin, abade de Iona, que morreu em 704, e apresenta uma narrativa dedicada ao dom profético de São Columba; e do *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii Apostoli Hibernensis*, frequentemente mencionado como *Tractatus de Purgatorio*, escrito no século XII por um monge cirsteciense conhecido como H.(enricus) de Saltrey, em Huntingdonshire, um condado da atual Inglaterra. Este conjunto de documentos tem recebido nossa atenção nos últimos anos (SANTOS, 2013a, 2013b, 2013c e 2014), porém, tem se mostrado fecundo o suficiente para suscitar novos questionamentos e

abordagens, como é o caso da temática escatológica, nosso interesse aqui. Também consultamos o *Codex Reginensis Latinus 49*, que é datado de finais do século IX e início do século X. Trata-se de um documento transcrito, editado e publicado por André Wilmart em 1933, que lhe atribuiu, em francês, a designação de '*Catècheses celtiques*'. Desde então, a obra ficou conhecida como *Catechesis Celtica* (WILMART, 1933). Nela, encontram-se uma compilação de interpretações de passagens bíblicas composta por volta do fim do século IX e início do X para servir de apoio na preparação de sermões. Desde que a obra recebeu esta denominação ela tem sido consultada por vários estudiosos que tem debatido suas afiliações irlandesas (MACNAMARA, 1990). Diversos trechos da *Catechesis Celtica* relacionam-se com a temática que nos interessa. Por fim, também será importante recorrer a alguns exemplos da literatura irlandesa concernente à temática do outro mundo.

A visão escatológica nestes textos da tradição Hiberno-Latina muda do século V ao XII. Na *Early Christian Ireland* só há dois espaços evidentes na geografia do além cristão: o céu e inferno. De igual modo, brevemente o fim dos tempos será conhecido e o acesso ao paraíso é direto, sem intermediações. Após o século VII, principalmente a partir da obra de Muirchú, as narrativas que indicam a consumação dos séculos já não são tão frequentes e São Patrício aparece como juiz de todos os irlandeses no dia do Juízo. Outra mudança, possivelmente devido a influência dos *Imramma* célticos, diz respeito à estrutura do além, que é ampliada, passando a contar com mais lugares para onde as almas vão. O interesse deste artigo é observar estas questões.

São Patrício e a brevidade do tempo

São Patrício acreditava estar vivendo os últimos tempos quando evangelizava na Irlanda do século V. São vários trechos nos quais ele relata estar em um lugar distante de todos os outros, o limite máximo do mundo conhecido, e que em breve o fim dos tempos chegaria. Há alguns indícios assim em sua *Confessio*, mas na *Epistola* encontra-se a maioria destes relatos. No que diz respeito a este primeiro documento, a *Confessio*, há no capítulo 4 uma referência de que Patrício espera pela segunda vinda de Cristo em um tempo próximo: “em quem nós cremos e esperamos o advento de sua iminente volta, como juiz dos vivos e dos mortos”, o que é completado pelo capítulo 34: “me encoraja para que, ignorante, nos últimos dias, ouse encarregar-se de uma obra tão maravilhosa”. Ainda no mesmo trecho da obra, ele diz que foi ordenado como mensageiro do evangelho em testemunho “a todos os povos até o fim do mundo”, para que as idéias cristãs sejam divulgadas até nos “lugares mais distantes onde não há ninguém”. A mesma idéia aparece no capítulo 38 da *Confessio*: “esses que o Senhor atraiu dos confins da terra”. Novamente, ainda no mesmo trecho: “para ti virão povos dos confins da terra” e, concluindo esta idéia: “para que tu possas levar salvação até os confins da terra”. No capítulo 40, temos uma confirmação da idéia de que Patrício vivia na Irlanda, o limite máximo do mundo conhecido, o fim dos tempos. Ele menciona uma série de versículos bíblicos que corroborem com a necessidade de pregar o evangelho na Irlanda para cumprir sua missão: “(...) e eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos

séculos”; “este Evangelho do reino será pregado por todo o mundo como testemunha para todos os povos e então virá o fim”; “e acontecerá que nos últimos dias (...)”. Um último trecho, no Capítulo 58, mostra Patrício fazendo um pedido “Pela vontade de Deus, que eu jamais seja separado do seu povo que ele ganhou nos lugares mais remotos da terra”. Como podemos perceber, dentro do conjunto das idéias que Patrício quer enfatizar, tempo e espaço estão associados. O cristianismo está alcançando as áreas limítrofes do mundo, a Irlanda, e tão logo esta missão seja cumprida, virá o fim.

A idéia de lugar mais afastado do mundo e de últimos dias persiste também na *Epistola*. No verso 6, por exemplo, encontramos: “até os confins da terra”; “os quais Deus anunciou que viriam nos últimos dias”. Trata-se de uma recorrência frequente. Mas, na *Epistola*, além destas referências, Patrício também nos oferece vários exemplos de penas e sofrimentos, que mostram como funciona o inferno. No Capítulo 4, Patrício reclama de Cristãos que foram assassinados por Coroticus e diz que não sabe mais o que lamentar, se estes que foram mortos ou aqueles que “violentamente o demônio enlaçou”. Patrício acredita que os injustos serão “escravizados no inferno numa pena eterna”. Neste “terrível lugar”. O capítulo 8 mostra qual o tratamento que será aplicado a Coroticus e, por consequência, a todos aqueles que não seguiram o cristianismo: “será atormentado pela ira dos dragões, a língua da serpente o matará, será consumido por fogo inextinguível”. No capítulo 13, lemos que “todos os que fazem o mal recebem a morte eterna como pena”. A parte destes está reservada “no lago de fogo eterno” (*Epistola*, 18). Os pecadores “perecerão diante da face de Cristo como nuvens de fumaça que o vento espalha” (*Epistola* 19).

O fato de que o *Tempus breve est* está bem demarcado também na *Vita Columbae*. No prefácio da obra, por exemplo, podemos ler que “nos últimos tempos do mundo há de nascer Columba” e ainda que esta personagem “iluminará de esplendor os últimos tempos da terra”. Ou seja, trata-se da mesma idéia da brevidade do tempo e da proximidade do fim do mundo, tal qual estruturada e apresentada por Patrício, como acabamos de ver. Patrício morreu, provavelmente no século V, e o fim do mundo não veio, mas Colm Cille, ou Columba, que viveu no século posterior a Patrício, continuava acreditando que era uma questão de tempo até o fim do mundo acontecer, pelo menos é assim que seu hagiógrafo, Adomnán, o apresenta. Em diversos momentos da *Vita Columbae*, o protagonista da obra faz profecias que tem alguma ligação com eventos escatológicos, mostrando, por exemplo, como a vida termina e como eram céu e inferno eram imaginados no período.

Lemos que Columba, “por revelação do Espírito Santo”, via com frequência as almas de alguns homens serem levadas por anjos para a parte superior dos céus”. De igual modo, ocorria com as almas dos condenados, só que arrastados para o inferno, o lugar oposto. Por se tratar de um livro de profecias, a maior parte destas histórias estão vinculadas com situações específicas de pessoas que iam até Columba e o santo conseguia prever o destino das mesmas, seja bom ou ruim. Mesmo que, em alguns momentos, a mensagem esteja subentendida, como na *Vita Columbae* (I. 27), em que um homem procura o Santo para receber atendimentos que aliviem suas dores físicas, quando na

verdade deveria ter solicitado ajuda para os males espirituais e o perdão para os pecados, pois morreria dentro de uma semana indo, certamente, para o inferno.

Em alguns momentos, o documento é mais explícito “Naquela noite seguinte, adoeceu, e, de acordo com a palavra do santo, na mesma semana partiu para Cristo, o Senhor” (*Vita Columbae* I. 31); “Passados sete dias, o irmão mais velho começou a adoecer. Findada aquela semana, partiu para o Senhor (...) de modo semelhante, o outro irmão também adoeceu e passou com alegria para o Senhor” (*Vita Columbae* I. 32). É possível interpretar estas mensagens de Columba como sendo apenas metáforas significativas de que alguém morreu. No entanto, a morte daqueles que são considerados ruins parecem dar uma idéia mais específica deste processo. Se quando alguém “bom” morre ele “parte” ou “passa com alegria” para o Senhor, quando alguém “ruim” morre, imediatamente é “arrastado por demônios” para o inferno. Em certa ocasião, por exemplo, foi profetizado por Columba a um homem: “neste momento, demônios arrastaram para o inferno um dos líderes do teu distrito, algo que Colgu registrou numa tábua, data e hora”. Tão logo este homem retornou para sua terra, ficou sabendo que “Gallán morrerá precisamente no instante em que o santo lhe dissera que um homem estava a ser arrastado por demônios” (*Vita Columbae* I.35). Um último exemplo é suficiente, no capítulo 39 deste primeiro livro, lê-se que Neman será assassinado e que a alma dele “será arrastada por demônios para o lugar dos castigos”.

Deste conjunto de textos aprendemos uma coisa fundamental, não existe um terceiro lugar no além cristão na Irlanda e nem nos textos pertencentes à tradição hiberno-latina dos primeiros tempos do cristianismo. Quando as pessoas morrem, elas vão para o céu ou para o inferno. Também percebemos que isto ocorre de forma imediata, não existe um tempo de espera por um dia especial, dia da segunda vinda de Cristo e posterior julgamento final das almas, para que se adentre um lugar específico no além, ou céu ou inferno. Não há, então, um purgatório. Tanto na *Confessio* e na *Epistola*, escritas por Patrício no século V, quanto no primeiro livro da *Vita Columbae* de Adomnán, que a escreveu por volta do fim do sétimo e início do oitavo século, não aparecem referências a um estado intermediário entre o Céu e o Inferno que proporcionasse para as almas a oportunidade de se livrar de algum tipo de pecado mediante um período de sofrimento, esta concepção não existe. Ou seja, não somente a palavra purgatório não aparece, como também não temos qualquer adjetivo relacionado a esta questão.

Esperando pelo Julgamento Final

Se em Patrício e em Adomnán as almas se desligavam dos corpos tão logo estes morriam e se dirigiam para um lugar específico no além, se boas, o Paraíso, se ruins, o Inferno. Na *Catechesis Celtica*, obra do fim do IX e início do X século, está previsto o lugar de espera. Entre as folhas 49v e 50, há uma menção a cinco lugares para onde as almas podem ir aguardar o Juízo Final. Há uma separação hierárquica. O primeiro lugar é para onde vão os apóstolos e os santos: o reino dos céus (*Regnum Celorum*); O segundo lugar é reservado para as almas dos patriarcas, profetas e mártires: trata-se do Paraíso de Adão (*Paradisus Adae*); Para o terceiro lugar vão as almas daqueles que são perversos, não

fizeram nada de bom e não seguiram os mandamentos de Deus: este é o inferno principal (*Infernus Principalis*); o quarto lugar é para onde vão as almas daqueles nos quais se notou menos pecados, ou seja, não são totalmente perversos: trata-se do lugar da luz (*IIII locus est lucis*); finalmente, o lugar para onde vão os pecadores de grau médio: trata-se do lugar da escuridão, aquele que é tenebroso (*V locus est caliginis qui est tenebrosus*). Estes cinco lugares nos quais as almas poderiam esperar pelo Juízo Final (*V loca in quibus fiunt animae usque ad diem iudicii*) eram vistos como uma dádiva, um presente de Deus para os pecadores, uma demonstração do amor de Cristo (WILMART, 1933).

Parece que esta nova interpretação, que imagina um período de espera antes do Juízo Final, apesar de ter paralelos com algumas passagens do Novo Testamento, que dão margem para a interpretação de que há um lugar intermediário, como o “Seio de Abraão” (Lucas, 16:22-23), se desenvolve com maior plenitude depois do século VII, e em textos influenciados pela cultura irlandesa.

Há um gênero específico de textos nos quais estas percepções aparecem: os *Immrama*. Trata-se de um conjunto de narrativas que contém relatos sobre viagens para um paraíso terreal. Geralmente, o viajante encontra uma ilha que se liga a outro mundo. Talvez os exemplos de *Immrama* mais conhecidos do público brasileiro sejam a *Navigatio Sancti Brendani*, cuja primeira versão foi composta por volta do ano 900, e a *Visio Thugdali*, uma narrativa do século XII. Adriana Maria de Souza Zierer, da Universidade Estadual do Maranhão, tem produzido uma reflexão sistemática nos últimos anos sobre este tipo de obra, principalmente considerando os vínculos destas com a cultura portuguesa (ZIERER, 2002, 2005 e 2013; ZIERER e OLIVEIRA, 2013 e 2014).

A idéia de outro mundo presente nestes textos é semelhante ao *Síd* do paganismo irlandês. São dois lugares em contato permanente. Não há uma separação que ocorre apenas quando a morte chega, mas a qualquer momento pode-se adentrar este lugar, viajar até ele, é possível encontrar pessoas que já morreram, que desapareceram, heróis, divindades, criaturas feéricas etc. Neste outro lugar, o *Síd*, o tempo é completamente diferente, pode passar mais lento, mais rápido ou não passar (SANTOS, 2013). Em algumas narrativas, alguém se perde, adentra este outro mundo, passa lá dois ou três dias, quando na verdade esteve ausente por anos. Ou seja, trata-se de uma temporalidade distinta daquela a qual o cristianismo está acostumado. É preciso estar morto para ir ao além cristão, apenas algumas personagens conseguiram tal proeza ainda em vida, caso de Enoque, por exemplo, que “andou com Deus e Deus para si o tomou”(Gen., 5, 22-24). O *Síd* poderia ser alcançado a qualquer momento da vida e se alguém que para lá tenha ido não voltasse, a morte era vencida. Todavia, estes aventureiros sempre voltavam para contar a história, é uma característica deste tipo de relato. O mitólogo Joseph Campbell chamou isso de “a jornada do herói”: a partida, uma aventura significativa que transforma para sempre o herói, retorno para contar feitos e proezas (CAMPBELL, 1990 e 1995).

O *Síd* é acessível para qualquer pessoa, viva ou morta. Não é necessário esperar pelo fim da vida para que para lá se dirija. De igual modo, também não é necessário uma separação entre corpo e alma, pode-se ir para este paraíso terreal em corpo, com todos os atributos que a pessoa já tem, sem que seja requerida qualquer transformação imediata.

Muireann Ní Bhrolcháin explica que este outro mundo recebeu diversas nomenclaturas na tradição irlandesa: *Tír na mBeó* (Terra dos vivos); *Tír na mBan* (Terra das mulheres); *Mag Mell* (Planície do prazer); *Mag Mór* (A grande planície); *In Tír Tairngire* (A terra prometida) e *Tír na nÓg* (Terra da Juventude). Segundo a autora, pode ser que existam vários outros mundos, por isso a variação de nomes, mas sempre relacionado com esta questão do tempo (NÍ BHROLCHÁIN, 2009, p.79).

Segundo Benjamin Hudson, há diferentes interpretações para estas crenças em paraísos terrenos. Alguns acreditam que quando o cristianismo passou a ser divulgado na Irlanda, proporcionando uma idéia de paraíso, esta foi rapidamente associada com o *Síd* já existente; outros se perguntam se não foram reminiscências da cultura tradicional que foram adicionadas ao cristianismo; há ainda os que, ao contrário, pensam que estes elementos da cultura tradicional é que são de inspiração cristã (HUDSON, 1999).

Hibernenses omnes in die iudicii a te iudicentur

Se com ou sem espera, a partir do século VII, o caminho pode até ser Cristo, mas passa por Patrício. A maior parte dos documentos relacionados ao cristianismo irlandês mencionam o nome de Patrício ou o invocam como um princípio de autenticidade, o que parece ser o caso na sistematização feita por Muirchú Moccú Machteni em sua *Vita Sancti Patricii*, quando representa Patrício como juiz dos irlandeses.

Trata-se de um trecho muito importante, os capítulos VI e VII do segundo livro da obra de Muirchú. Neste momento, com a obra caminhando para seu final, Muirchú descreve a morte de Patrício. Ele fala com o anjo Uictor sobre um sonho que teve: um homem chamado Uictorius lhe aparecia e pedia para que ele voltasse para Irlanda com a finalidade de pregar o Evangelho. Na conversa de Patrício com este anjo, fica definido que Patrício poderia fazer quatro petições e elas seriam imediatamente atendidas. À quarta petição o anjo responde: “*ut Hibernenses omnes in die iudicii a te iudicentur sicut discitur ad apostolos et uos sedentes iudicabitis duodecim tribubus Israel ut eos quibus apostulus fuisti indices*”/ “que todos os irlandeses sejam julgados por você no dia do juízo, assim como foi dito dos apóstolos: sentando-vos, julgarão as doze tribos de Israel. Da mesma forma, assim você deve julgar aqueles de quem foi apóstolo” (*Vita Patricii*, Livro II. VI). Na sequência da narrativa podemos encontrar que Patrício morreu no dia 17 de Março com a idade de 120 anos (a mesma de Moisés) e que “todos os anos é celebrado na Irlanda” (*Vita Patricii*, Livro II. VII).

Como temos defendido recentemente (SANTOS, 2013), o Patrício que Muirchú representa, apesar de inserido na mesma Tradição Hiberno-Latina, realiza muito mais intervenções suprasensíveis do que em qualquer texto anterior, incluindo os do próprio Patrício. Na *Vita Sancti Patricii*, a partir de inúmeros elementos, Patrício é associado a diversas personagens bíblicas, tanto vetotestamentárias (Moisés, Daniel e Jonas) como neotestamentárias (João Batista, Paulo e o próprio Cristo). Patrício é o cristianizador dos irlandeses, ele veio divulgar as boas novas do evangelho em um lugar onde o paganismo predominava. Para Muirchú, a província de Tara era a Babilônia irlandesa (SANTOS,

2014) e por tê-la libertado, após autorização divina, por meio do anjo Uictor, Patrício será responsável por todos os irlandeses no dia do Juízo final.

Esperar para quê, se posso ver agora como funciona a arquitetura celestial?

Na obra *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii Apostoli Hibernensis*, ou simplesmente: *Tractatus de Purgatorio*, uma produção do contexto político, social e cultural de interação entre irlandeses e normandos, há a estruturação de um lugar específico a partir do qual pode-se ter contato com toda a arquitetura celestial, de demônios a anjos e arcanjos, até o próprio Deus, trata-se de Purgatório, que deve ser pensado como um lugar de entrada, pois, a partir de lá, chega-se tanto a contemplar a glória de Deus, quanto pode-se perder a vida e já ir para o inferno imediatamente, arrastado pelos demônios, uma imagem que persiste em várias obras da tradição hiberno-latina.

Há um motivo para o purgatório existir, Saltrey o explicita logo no início da obra. Segundo ele, “o grande São Patrício”, estava pregando a palavra de Deus na Irlanda, tentando convencer aquelas criaturas bestiais acerca das maravilhas celestes, porém sem sucesso. Os irlandeses são apresentados no relato como ignorantes sobre as coisas básicas da doutrina cristã. Trata-se de uma imensa dificuldade de divulgação do evangelho, pois, por mais que Patrício tentasse, aquelas pessoas não se convertiam. Da mesma forma que a obra de Muirchú difere de textos anteriores, esta interpretação também difere da de Muirchú, pois, nela, as pessoas se convertem a partir da intervenção de Patrício operando algum milagre. Na narrativa de Saltrey não, a única maneira de Patrício conseguir ter sucesso é pedir ajuda de Deus. A solução para este problema, então, é a possibilidade do infiel ver como funciona o além cristão indo até lá, entrando e vendo com seus próprios olhos quais são os tratamentos que a alma recebe. O documento diz que a idéia partiu dos próprios irlandeses, que disseram que a não ser que pudessem ver as coisas sobre as quais Patrício falava exemplificadas de forma alguma poderiam acreditar nelas (*Tractatus* 110-116).

Quem vem em intermédio de Patrício, trazendo a solução para o problema é nada mais nada menos que a figura máxima da religião cristã, o próprio Jesus Cristo. H. de Saltrey diz que Jesus apareceu “ao seu amado Patrício” e entregou a ele um báculo e os textos do evangelho que “até os dias de hoje (quando a obra foi escrita) são venerados na Irlanda como grandes e preciosas relíquias (*Tractatus* 119-127)”. A seguir, Jesus conduziu Patrício até um lugar deserto e lá mostrou um buraco muito escuro, a entrada do Purgatório. Qualquer um que nele entrasse e permanecesse por um dia e uma noite, seria purgado de todos os pecados que tivesse cometido durante a vida. Quando a pessoa fizesse este caminho, ela veria não só os condenados, mas também a alegria dos justos. Depois disso, Jesus desapareceu. Patrício, imensamente feliz, imediatamente construiu ali uma Igreja. E, assim, segue o documento, “uma vez que os homens eram purgados de seus pecados lá, aquele lugar foi chamado de Purgatório de São Patrício” (*Tractatus* 127-150).

Patrício e seus discípulos, na narrativa de H. de Saltrey, se tornaram os responsáveis pela localidade, novidade que foi divulgada por toda a Europa do período. Este *In locum*

desertum se transformou em um lugar de peregrinações espirituais. Para Eilenn Gardiner, a especificidade deste purgatório irlandês é que ele poderia ser presenciado fisicamente (GARDINER, 1993, p. 152). Jacques Le Goff também concorda com esta afirmação, pois agora o purgatório possui uma entrada acessível também para os vivos. Não se trata de um lugar geral, mas específico e fica na Irlanda. O medievalista francês acredita que temos aqui o nascimento literário do *Purgatorium*, um fenômeno do século XII (LE GOFF, 1995). Tom Sjöblom, por sua vez, prefere falar em uma ampliação da compreensão sobre o Purgatório, nascimento é um termo exagerado (SJÖBLOM, 2005, p. 152-165).

O *Tractatus* foi uma obra de bastante circulação pelo continente europeu, divulgando tanto uma imagem da Irlanda quanto de Patrício (KEOGH e STONE, 1996, p. 179). É a obra de H. de Saltrey que influenciará Dante Alighieri quando este elabora o Purgatório de sua obra mais conhecida, a Divina Comédia (DI FONZO, 1997). Além de Dante, Vicent de Beauvais, Froissart, Rabelais, Ariosto, Calderón e Shakespeare também conheceram a obra e a mencionaram (LOCKE, 1965, p. 641-646). Yolande de Pontfarcy e Jean-Michel Picard explicam que entre os séculos XII e XVII existiram cerca de 150 manuscritos do *Tractatus* (PICARD e PONTFARCY, 1985, p. 33).

Uma nova configuração na forma irlandesa de pensar o além estava estabelecida, agora, além das várias opções, tanto pagãs quanto cristãs, havia também um lugar do meio neste imaginário. Além das almas irem para o céu ou para o inferno elas também poderiam ir para o *Purgatorium*.

Considerações finais

Geralmente, quando aparece nos livros de história fora do alcance da historiografia irlandesa, a Irlanda é vista como uma colaboradora da história da Europa. É mencionada quando se quer enfatizar o quão rica era a corte de Carlos Magno, que recebia monges de todas as partes do mundo cristão, dentre eles, irlandeses; quando se aborda a filosofia da Idade Média, momento em que alguns irlandeses são mencionados, como é o caso de Johanes Scotus Eriugena etc. Acreditamos que a Irlanda pode ocupar um lugar de destaque e de importância na História da Antiguidade Tardia e da Idade Média, afinal de contas é este o *locus* de produção de mensagens centrais para o cristianismo do período. Assim, parece que as contribuições irlandesas para a doutrina cristã estão muito além de mulheres abadesas liderando mosteiros e pegando em armas para comandar a guerra, de diferenças na forma de calcular a data da páscoa, ou na idéia de “martírio verde”. As várias narrativas acerca de temáticas escatológicas desenvolvidas nos textos da Tradição Hiberno-Latina são fundamentais para a nossa compreensão dos cristianismos e paganismos da Antiguidade Tardia e da Idade Média e precisam ser estudadas em suas peculiaridades, pois, como este artigo tentou enfatizar, a visão escatológica destas narrativas passou por um processo de transformação do século V ao XII. Se durante no início do período que a historiografia irlandesa denomina como *Early Christian Ireland* só havia dois espaços na geografia do além cristão, céu e inferno,

posteriormente, devido a influência dos *Imramma* célticos, esta estrutura é ampliada, com o aparecimento do *Purgatorium*.

Referências Bibliográficas

A) Fontes Utilizadas

- A. Wilmart. Catéchèses Celtiques. XII. Variae Atque Breves Particulae (fol. 49v-50: 2), p. 107. In: _____. *Analecta Reginensia: Extraits des manuscrits latins de la Reine Christine conservés au Vatican* (Studi e Testi, 50; Vatican City: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1933). p. 29-112.
- ADOMNÁN, de Iona. Vita S. Columbae. In: FIGUEIRAS, Ivan Paulo Neves. *As Profecias de São Columba: uma tradução do Livro I da Vita S. Columbae de Adomnán de Iona*. Tese de Mestrado, Edição e Tradução de Textos Clássicos, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 7 ed. rev. São Paulo: Paulus, 1995.
- H. DE SALTREY. *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii Apostoli Hibernensis*. Edited and translated by Robert Easting. *St Patrick's Purgatory*, Oxford University Press, 1991.
- _____. *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii Apostoli Hibernensis*. Translated by PICARD; PONTFARCY. Saint Patrick's purgatory: a twelfth century tale of a journey to the other world. Dublin: Four Courts, 1985.
- MUIRCHÚ MOCUU MACTHÉNI. *Vita Sancti Patricii*. Edited and translated by David Howlett. *Muirchú Moccu Macthéni's 'Vita Sancti Patricii' Life of Saint Patrick*. Dublin: Four Courts Press, 2006.
- PATRÍCIO. *Confessio*. Edited and translated by Ludwig Bieler. *Libri Epistolarum Santi Patricii Episcopi*, Royal Irish Academy em Dublin, 1993.
- _____. *Confessio*. Traduzido por Dominique Santos. *São Patrício por ele mesmo: Confissão e Carta aos Soldados de Coroticus*. The Saint Patrick's **Confessio** Hypertext Stack Project . Royal Irish Academy. www.confessio.ie (data de acesso: 03/11/2015).
- _____. *Epistola*. Traduzido por Dominique Santos. *São Patrício por ele mesmo: Confissão e Carta aos Soldados de Coroticus*. The Saint Patrick's **Confessio** Hypertext Stack Project . Royal Irish Academy. www.confessio.ie (data de acesso: 03/11/2015).

B) Obras Gerais

- CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Editora Cultrix/Pensamento, 1995.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CAREY, John; NIC CÁRTHAIGH, Emma; Ó DOCHARTAIGH, Caitríona (Eds.). *The End and Beyond: Medieval Irish eschatology*, 2 vols, Aberystwyh: Celtic Studies Publications, 2014.
- CARNEY, James. *The problem of Saint Patrick*. Dublin: DIAS, 1961.
- T.M. CHARLES-EDWARDS. *Early Christian Ireland*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

- GARDINER, Eileen. *Medieval visions of heaven and hell: a sourcebook*. USA: Taylor & Francis, 1993.
- HARVEY, Anthony. The Ogham Inscriptions and the Roman Alphabet: Two Traditions or One? *Archaeology Ireland*, Vol. 4, Nº1, 1990. p. 13-14.
- HUDSON, Benjamin. Time is short: the eschatology of the early Gaelic church. In: WALKER, Caroline; FREEDMAN, Paul (Eds.). *Last things: death and the Apocalypse in the Middle Ages*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1999. pp. 101–123.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente Medieval*. Trad. Antonio José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1990.
- _____. Escatologia. In: _____. *História e Memória*. Traduzido por Bernardo Leitão...[et al.]. Campinas: São Paulo, Editora da Unicamp, 1990. P. 281-324
- _____. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1995.
- LOCKE, F.W.. A New date for the composition of the Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii. *Speculum*, Vol. 40, nº 4, p. 641-646, 1965.
- MACNAMARA, Martin. The Irish affiliations of the Catechesis Celtica. *Celtica*, 21, 1990. pp. 291–334.
- NAGY, Joseph Falaky. *Conversing with angels and ancients. Literary Myths of Medieval Ireland*. USA: Cornell University Press, 1997.
- NÍ BHROLCHÁIN, Muireann. *An Introduction to Early Irish Literature*. Dublin: Four Courts Press, 2009.
- Ó CRÓINÍN, Dáibhi. *Early Medieval Ireland 400-1200*. Londres: Longman, 1995.
- _____. Reviewed work. Who was Saint Patrick? By E. A. Thompson. *Britannia*, Vol. 18, p. 379-81, 1987.
- PICARD; PONTFARCY. *Saint Patrick's purgatory : a twelfth century tale of a journey to the other world*. Dublin: Four Courts, 1985.
- ROCHE, John. The Influence of Ireland on Roman Britain.....Cursus Unicus? *Archaeology Ireland*. Vol. 7, nº 1, 1993, p. 7-9.
- SANTOS, Dominique. Patrício: *A Construção da Imagem de um Santo/How the Historical Patrick Was Transformed into the St. Patrick of Religious Faith*. 1. ed. New York; Lampeter: The Edwin Mellen Press, 2013.
- SANTOS, Dominique. As elaborações retóricas da tradição hiberno-latina: uma leitura da Confessio de São Patrício. *Rêtor- Revista da Associação Argentina de Retórica*, v. 3, p. 86-106, 2013.
- _____. São Patrício e a festividade pagã no banquete da província de Tara: religião e sociedade na Early Christian Ireland a partir da obra de Muirchú Moccu Machteni. In: Maria Regina Candido. (Org.). *Banquetes, Rituais e Poder no Mediterrâneo Antigo*. 1ed.Rio de Janeiro: D&G Editora, 2014, v. Único, p. 86-98.
- _____. As múltiplas identidades de Patrício, um bretão-romano na Irlanda. In: *Anais Eletrônicos do XXVII Simpósio Nacional de História da ANPUH*, Natal, 2013.

- _____. A Cultura Hiberno-Latina na Bretanha romana e pós-romana: evidências a partir das Ogham Stones. In: *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH*, Florianópolis, 2015.
- SJÖBLOM, Tom. The Irish origins of Purgatory. *Studia Celtica Fennica*. Helsinki, no. II, p. 152-165, 2005.
- STONE, Brian; KEOGH, Adrian. *Medieval Ireland: the enduring tradition*. Dublin: Gill & Macmillan Ltda, 1996.
- THOMAS, Charles. Irish Colonists in South-West Britain. *World Archaeology*. Vol. 5, nº 1, *Colonization*, 1973, p. 5-13.
- _____. St. Patrick's Purgatory: Pilgrimage Motifs in a Medieval Otherworld Vision. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 46, nº 4, p. 467-485, 1985.
- ZIERER, Adriana. A Visão de Túndalo no Contexto das Viagens Imaginárias ao Além Túmulo: religiosidade, imaginário e educação no medievo. *Notandum* (USP), v. 32, p. 101-124, 2013.
- _____. Viagens ao Paraíso Terreal e suas influências célticas. In: Izabela Maria Furtado Kestler. (Org.). *Estudos Anglo-Germânicos em Perspectiva*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002, v. , p. 170-175.
- _____. A Viagem de S. Brandão e os Imrama Célticos. In: LUPI, João; DAL RI JR., Arno. (Org.). *Humanismo Medieval*. 01ed. Ijuí: Ijuí, 2005, v. 01, p. 13-30.
- ZIERER, Adriana; OLIVEIRA, Solange P.. A Visão de Túndalo. Harmonia, Paraíso e Salvação no Além Medieval. *Mirabilia* (Vitória. Online), v. 16, p. 222-247, 2013.
- ZIERER, Adriana; OLIVEIRA, Solange P.. Poder e controle eclesiástico através dos castigos infernais na Visão de Túndalo, *Revista de História Hélikon*, v. 2, p. 37-54, 2014.